

Constantino de Vasconcelos, no Vice-Reino do Peru e os seus trabalhos, na área da Engenharia e da Arquitetura religiosa, no último período da sua vida (entre 1651 e 1668)

Constantino de Vasconcelos, the Viceroyalty of Peru and his works in the field of engineering and religious architecture during the last period of his life (between 1651 and 1668)

Manuel Cadafaz de Matos¹

RESUMO

Este artigo analisa as duas últimas décadas (1651-1668) da vida do português Constantino de Vasconcelos no Vice-Reino do Perú, sobretudo enquanto viveu na Ciudad de los Reyes (atualmente Lima). Ele trabalhou em diversos ofícios, em particular no que concerne à reconstrução daquela cidade que sofreu à época diversos terremotos. Naquele período trabalhou, também,

¹ APH (Lisboa), RAH (Madrid)- <https://orcid.org/0000-0002-3598-7509>. cadafazdematosmanuel@gmail.com

como arquitecto e participou na construção de uma parte importante do Convento de S. Francisco, em particular na sua fachada.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura, Ciudad de los Reyes ; Vera y Zúñiga, Fernando, O.S.A.; Vasconcelos, Constantino de, ca. 1600-1668

ABSTRACT

This article analyses the last two decades of Portuguese Constantino de Vasconcelos' life in Peru, specifically from 1651 to 1668, when he resided in Ciudad de los Reyes (modern-day Lima). As an engineer, he was involved in various activities related to the reconstruction of the city, which had suffered from earthquakes. During that time, he also worked as an architect and participated in the construction of a significant portion of the San Francisco monastery, particularly the façade.

KEYWORDS

Architecture, Ciudad de los reyes ; Vera y Zúñiga, Fernando, O.S.A.; Vasconcelos, Constantino de, ca. 1600-1668

Três vertentes paralelas da vida e da obra de Constantino [Leitão] de Vasconcelos, na última fase da sua vida:

- I - na qualidade de “Engenheiro-mor” no Vice-Reino do Perú;
- II - na qualidade de estudioso das formas de tratamento do minério da prata;
- III- e na qualidade de Arquitecto, associado à Província Franciscana da região.

O metalúrgico e arquitecto Constantino de Vasconcelos, natural da região de Braga, tendo entrado no Perú em 1629, viveu nessa colónia espanhola, mais precisamente na Ciudad de los Reyes, entre 1651 e

1668, ou seja, na última fase da sua vida. Constantino de Vasconcelos nunca terá descurado nos seus afetos, seguramente, o quanto ficara a dever a D. Fernando de Vera y Zúñiga – nascido em 1598 em Mérida e elevado a Bispo de Cuzco na Nova Espanha (atualmente o Peru) – o poder ter desfrutado desse encontro com a civilização peruana seiscentista.

O português não esquecera o bem-estar que lhe causara, quando em Madrid teve a certeza de que podia acompanhar o novo Bispo nomeado para o império no Perú. Antes de o então novo Bispo, D. Fernando de Vera y Zúñiga embarcar, em 1629, ter-lhe-ão sido apresentadas na capital algumas personalidades, incluindo aquelas que mais de perto o iriam acompanhar, ao seu serviço, na colónia castelhana. Foi lá que algum tempo antes havia trabalhado o intelectual, metalurgista e homem de negócios lusíada Enrique Garcês que ele já não deverá ter conhecido na cidade madrilena².

Se não fosse o convite de tal prelado para poder acompanhá-lo na sua missão na colónia espanhola na América do Sul, ele nunca poderia ter elevado, como conseguiu, os seus estudos na área da Engenharia, da Metalurgia e da Arquitetura religiosa.

Sabe-se, porém, que o português já não acompanhara aquele Bispo – na parte final da vida tal prelado (com o falecimento em Cuzco em 9 de novembro de 1638) e até por terem seguido naturalmente rumos diferentes – os esforços que aquele encetara com vista à indagação da sua própria genealogia³.

2 É mais que provável que Constantino [Leitão] de Vasconcelos já não tenha conhecido, de facto – ainda durante a sua permanência em Madrid – um seu outro compatriota, Enrique Garcês, que já antes dessa data se havia notabilizado em terras peruanas quer profissionalmente na área da Metalurgia, quer ainda como literato na tradução de textos poéticos de Petrarca. Afirmamo-lo na medida em que aquele já teria falecido na capital espanhola entre os anos de 1593 e 1596.

3 Ao ramo dos Vera y Zúñiga encontra-se ligada uma criteriosa edição seiscentista produzida em Espanha (alguns anos antes). Veja-se, do autor de um pergaminho iluminado, D Álvaro Ferreira de Vera (16--/1677), a *Origem da nobreza politica, blasões de armas, appellidos, Carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia passada por Filipe III de Espanha a Francisco Botelho Chacão*, ou seja, uma [Carta de brasão de armas de nobreza e fidalguia passada por Filipe

I - NA QUALIDADE DE 'ENGENHEIRO-MOR' DO VICE-REINO DO PERÚ

O português que viria a beneficiar, em novembro ou dezembro de 1644, por convite do filho do Vice-Rei no Perú, António Sebastião de Mancera, do título de “Engenheiro mor” naquela região do império⁴ – cerca de 15 anos depois de ter chegado ao Perú – veio a destacar-se, naquele território, de uma forma indiscutível, em diversas funções. Ele era, manifestamente, para além do técnico qualificado que havia beneficiado do saber universitário em Espanha, um artista polivalente.

Os conhecimentos do português na área da Engenharia (que havia cultivado nos seus estudos em Espanha) veio a pô-los ao serviço da reconstrução de uma região sul-americana afectada por violentos terremotos

No ano de 1650, apenas cinco anos depois de Constantino de Vasconcelos ter acompanhado por um breve período, como se disse, o filho do Vice-Rei a Valdívia, um terremoto de uma significativa magnitude afetou várias regiões da colónia de Castela com sede em Ciudad de los Reyes. A partir daí o seu nome ficou também associado – a par do de outros agentes estabelecidos naquele território – às ações que tiveram em vista a reestruturação/recuperação da cidade.

Na sequência daquele cataclismo como gravoso problema social, impôs-se aos agentes políticos e administrativos locais uma

III de Espanha a Francisco Botelho Chacon], Madrid, [s.n.], 1618. - [5] fls. em pergaminho manuscritas e iluminadas.

4 “Uma personalidade seiscentista quase desconhecida...”, in *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, vol. 53/54 (2023/2024), pp. 137-189, foi já com esse título de “Engenheiro-mor” daquele Vice-Reino, que ele fora nomeado, em 1645, para acompanhar o filho do Vice-Rei, António Sebastião de Mancera, à região de Valdívia (hoje integrada no Chile).

esclarecida política para a recuperação das principais zonas atingidas⁵. Tal sucedeu quer quanto às principais estruturas urbanas civis quer quanto a igrejas e conventos destruídos. O Perú careceu então de adequadas personalidades qualificadas na área da Engenharia, o que motivou que fossem chamadas para darem os seus contributos.

Entretanto no período de 1656-57 veio a ocorrer um significativo colapso arquitetónico da igreja do Convento de S. Francisco de Lima. O mesmo templo viria, de facto, a conhecer sucessivos trabalhos de reestruturação arquitetónica, não só então como no século seguinte.

Nesse mesmo período seiscentista, a região marítima peruana confrontava-se já com uma outra ameaça. Tratava-se da presença de piratas e corsários em várias partes das costas americanas do Oceano Pacífico.

As muralhas de Lima foram construídas entre 1684 e 1687 pelo Vice-Rei Melchor de Navarra e Rocafull

Impôs-se, assim, que as autoridades políticas naquele Vice-Reino, entre os anos de 1684 e 1687, tenham mandado construir um sistema defensivo de muralhas na Ciudad de los Reyes, tal tendo decorrido de uma iniciativa do Vice-Rei Melchor de Navarra e Rocafull. A cidade, no entanto, não estava livre de perigos. Novos e violentos sismos continuavam, com alguma regularidade, a afligir a população daquela urbe.

5 Já na segunda parte do século XVII (mas já após a morte do bracarense que aqui nos congrega), aconteceria ali um outro grande sismo. Este veio a ocorrer em 1687, numa altura em que essa capital do Vice-Reino de Castela, a Cidade dos Reis (mais tarde, Lima) já prosperava significativamente com o comércio. Mais tarde, já em 1746, um outro forte sismo danificou severamente Lima (tendo provocado também significativos danos em Callao). Esse novo cataclismo obrigou a um enorme esforço de reconstrução das zonas afetadas em massa na região, numa iniciativa supervisionada pessoalmente pelo Vice-Rei de então, D. José Manso de Velasco.



Um aspeto da Ciudad de los Reyes (atualmente Lima, no Perú)

O sismo de 1687⁶ tinha marcado um ponto de inflexão na história do reino peruano tendo coincidido mesmo com uma recessão no comércio pela concorrência económica de outras cidades como Buenos Aires. Acontece, porém, que nesses períodos de graves problemas sociais - como o de as principais cidades destruídas nas suas estruturas urbanas serem olhadas como uma punição do céu – os espíritos procuram encontrar refúgio numa transposição para o *divino*, por via da prática de cultos, mais variados.

Ocorreram então naquele reino sul-americano as mais diversas manifestações de culto popular, indiretamente associadas a tais cataclismos.

6 Já ao longo da segunda metade do século XX, nos anos de 1966, 1970 e 1974, verificaram-se no Perú alguns graves sismos. Destas ocorrências chegariam a advir alguns consideráveis danos para a fachada do Convento da Ordem Franciscana (de que trataremos mais adiante).

De algumas itinerâncias seiscentistas (e setecentistas) peruanas, de base cultural e científica, a uma leitura antropológica de alguns aspectos específicos do culto cristão ao *Senhor dos Terremotos*

Viveu-se nesse período no anti planalto no interior do Peru, em termos de práticas religião popular, um curioso fenómeno. Tratou-se, em Cuzco, do culto à imagem do *Senhor dos Terremotos*.

Os cristãos daquela cidade do reino do Perú – alguns deles ainda dos tempos em que ali esteve ativo o Bispo castelhano D. Fernando de Vera y Zúñiga – caracterizavam-se, também, pelos seus comportamentos rituais, nas suas alegrias⁷ e nas suas tristezas, nas suas músicas e nas suas danças⁸, patenteadas no códice *Trujillo*⁸, (ligeiramente posterior).

Esse códice viria depois a ser mandado compilar, em nove volumes iluminados, pelo bispo de Trujillo, D. Baltasar Jaime Martínez Compañón y Bujanda. Tal reunião de documentos etnográficos e artísticos dos mais variados, resultou de uma sua vasta missão e do seu séquito, entre 1782 e 1785, na área episcopal que lhe estava consignada⁹. De fato nesta valiosa fonte – que se conserva hoje na Biblioteca do Palácio

7 Veja-se o registo sonoro *Bailar Cantando. Fiesta Mestiza en el Peru*, por Hespèrion XXI / Jordi Savall, Barcelona, Aliavox (tendo por base o Códice *Trujillo*)

8 Esta matéria pode ser documentada, entre outras diversas fontes, pelo *Codex Trujillo*, de c. 1780 -1783). Assinale-se ainda que Jordi Savall, no seu álbum *Les Routes de l'Esclavage / Las Rutas de la Esclavitud*, Bellaterra, Aliavox, 2016, procede ainda à edição de uma composição do mesmo códice peruano, mais precisamente a intitulada “Tonada el Congo: A la mar me levan”, C. *Truj.*, nº. 3).⁸ Apenas cerca de um século e meio depois da nomeação de D. Fernando de Vera y Zúñiga para o Bispado de Cuzco, veio a ser nomeado (em 1779), de facto, o prelado também espanhol, D. Baltasar Martínez Compañón, para o Bispado de Trujillo, a norte daquela diocese, quando este último contava 40 anos de idade. Foi este precisamente que, nessa posição episcopal, ordenou que fosse compilado (numa missão de cariz científico e pastoral ocorrida entre 1782 e 1785) este códice *Trujillo* – que hoje ostenta o título *Colección original inédita de mapas relativos al obispado de Perú; retratos en colores y dorados de Arzobispos, Vireyes y otros personajes del Perú; planos de ciudades; cuadros sobre lenguas indígenas*, 1782-1785 (e detém a cota RM 216) – que documenta não só a História Natural da região como muitas das tradições e práticas indígenas quotidianas à época. Desta fonte da Biblioteca do Palácio do Rei foi feita, do vol. I, uma cópia para a Biblioteca Nacional da Colômbia. Existem versões digitalizadas dos nove tomos do códice original em <https://estudiosindianos.up.edu.pe/biblioteca-indiana/trujillo-del-peru-codex-trujillo/>

9 Esse Bispado era então extensivo às regiões departamentais de Amazonas, Cajamarca, La Libertad, Lambayeque, Loreto, Piura e San Martín.

Real em Madrid – encontram-se reunidas diversificadas e interessantes tradições e composições em prática na época nessa região¹⁰.



À esquerda, retrato de D. Baltasar Jaime Martínez Compañón y Bujanda;
à direita, armas associadas a esse prelado do Vice-Reino do Perú



No códice Trujillo, para além de explorações de História Natural e de diversos mapas, apresentam-se, no vol. VII, algumas iluminuras referentes práticas, músicas e danças etnográficas, como a documentada na presente imagem

¹⁰ Cfr. PALMEIRO, Tiziana, no seu trabalho *Tupamaro de Caxamarca: tonadas sobre la muerte del Inca Atahualpa contenidas en el códice Martínez Compañón (1782-85)*.

Efetivamente as aludidas itinerâncias do foro cultural e científico (para além de um foro pastoral), movidas entre 1783 e 1785 por D. Baltazar Martínez Compañón, Bispo de Trujillo, já tinham tido no século anterior, em Constantino de Vasconcelos, curiosos antecedentes. Este foi movido, por um lado, pela necessidade de ganhar comercialmente a vida, esse é um facto indesmentível. Só que ele, movido por uma forte curiosidade científica, continuou sempre a desenvolver o estudo por onde quer que passasse e nas linhas de ação (do Engenheiro, do aprendiz e depois Mestre em Metalurgia ou na Arquitetura), foi sempre aquele que pretendia aprofundar os conhecimentos na área de trabalho onde se movia.

Desde a primeira hora fixado em Cuzco, não deixa de ser curioso assinalar-se que este arquiteto e engenheiro natural da região de Braga – ao passar gradualmente a conhecer melhor a figura de D. Fernando de Vera y Zúñiga – foi-se apercebendo dos seus gostos ecléticos, dos seus níveis sua curiosidade. Incluía-se neles a Música, que esse Bispo natural de Mérida continuava a favorecer (na sua *pequena Corte* em Cuzco) como Arte europeia. Tal Arte era ainda posta em práticas litúrgicas quotidianas na catedral que agora lhe estava confiada.

Essa sua catedral cusquenha já contava com um historial relevante. Ali já se havia distinguido um dos seus antecessores, D. Antonio dela Raya. No período de tal Bispado haviam especialmente sido aí notadas as presenças de compositores como o Pe. Pedro Bermudez¹¹,

11 Nesse período anterior da administração da catedral pelo Bispo D. António de la Raya havia-se distinguido, cerca de uma dezena de anos antes, o músico e compositor Pe. Pedro Bermudez. Este tinha nascido em 1558 em Granada e veio a falecer no México em 1605. Tal músico fora convidado por aquele Bispo a viajar para o Peru, onde esteve ativo como *Mestre de capella* da catedral desde 1597 (e tendo vindo mais tarde a trabalhar em outras catedrais latino-americanas), tendo sido o autor de umas *Vésperas* sob o título *Deus in Adjutorium*, - Cfr. esta obra de Bermudez, na interpretação da Boston Camerata, sob a direção de Joel Cohen; e, ainda, CASTAGNA, Paulo (Universidade de São Paulo, Brasil), "Alma Latina: Música das Américas sob o domínio europeu"- I, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XV, vol. 29-30. Lisboa, CEHLE, 2012, pp. 627-654, em particular p. 640.

Frei Juan Pérez de Bocanegra¹² e ainda Juan de Araújo, durante a parte da sua atividade peruana.

Esses indígenas peruanos da região do anti planalto tinham passado a evocar – em função da sua crença (e na sequência de tão violentos sismos particularmente ali sentidos) – uma representação específica de Cristo, o *Senhor dos Terremotos*.

Aí continuavam a renovar o seu culto à imagem de *Taytacha Temblores*. Assinale-se, aliás, a existência de uma (bem antiga) imagem que ainda hoje se mantém na catedral de Cuzco, a qual fora edificada precisamente no lugar das fundações do antigo templo dedicado ao deus pagão *Apulla Tikse Wiracocha*.

Importa fazer alusão, com efeito, a uma já antiga celebração, nessa mesma cidade de Cuzco, no período da Páscoa, onde se podem reconhecer, num prisma antropológico, níveis de *fusão* da antiga religião andina com o Cristianismo.



12 Este músico viria a estar ativo na catedral de Cuzco presumivelmente até 1679 (o que não invalida que Constantino de Vasconcelos ainda o tenha podido conhecer), vindo a falecer em Chuquisaca (Sucre) em 1712.



Imagem do *Senhor dos Terremotos*, na cidade peruana de Cuzco, durante o período evocativo dos sismos de 1650 e de 1687

II - ACERCA DA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS POR CONSTANTINO DE VASCONCELOS SOBRE A PRATA COMO METAL NOBRE ALI EM EXPLORAÇÃO NAS MINAS (JÁ APÓS A SUA FIXAÇÃO NA CIUDAD DE LOS REYES)

Aceitemos pois que, como já se disse, o conhecimento científico de Constantino de Vasconcelos foi, também, o resultado dos seus estudos em terras peruanas. A edificação do seu saber piramidal, na área da Metalurgia naquelas terras do Vice-Reino da Nova Espanha, no último quartel do século XVII, constituiu sem dúvida o desenvolvimento das primeiras incursões nessa esfera do saber que já tinha desenvolvido ainda na Península Ibérica. A continuidade do seu saber *erudito* no domínio da prata como metal nobre ali em exploração nas minas, também decorreu, sem dúvida, após a sua fixação na Ciudad de los Reyes

Questão, verdadeiramente pertinente também a nosso ver, implica uma resposta a uma outra questão, não menos importante que aquela. Como homem culto que era, seria detentor, naquela capital, de uma livraria pessoal (com obras na esfera dos seus interesses técnicos)? Ou, em alternativa, como homem próximo de D. António Sebastião de Mancera, o filho do Vice-Rei o Marquês de Mancera – tinha ele acesso e direito legítimo frequentar com alguma

assiduidade os livros da biblioteca de mão deste aristocrata, no seu Palácio? Na realidade não o sabemos. Ou, em alternativa – e já após o regresso do aludido Marquês, em fim de comissão (terminada em 1648), a Espanha – poderá ter tido acesso, também, à biblioteca do sucessor daquele em tal cargo, o vice-Rei Garcia Sarmiento de Sottomayor, ali em funções até 1655.

De fato hoje parecem não restar dúvidas de que o aprofundamento, por parte de Constantino de Vasconcelos, do seu saber na área da Metalurgia – uma parte dele já foi adquirido após a sua prestação de serviços nas zonas mineiros de Oruro, Huancavelica e Potosí.

O estudioso no Peru do último quartel do século

Há uma pergunta que, quanto à última fase das atividades de Constantino de Vasconcelos no vice-Reino do Peru, importa continuar a ser feita. Depois dos trabalhos que levou a cabo em Oruro e Huancavelica¹³ (exploração mineira onde também havia estado, no século anterior, o seu compatriota Enrique Garcês¹⁴) - antes de ele próprio partir na sua missão de cerca de dois meses para Valdívia em fins de 1645 - até quando se prendeu ele ao estudo da prata, da sua exploração e dos contornos técnicos da *amalgamação*? Estamos

13 Data desse período, mais precisamente de 7 de Outubro de 1643, o relatório de Constantino de Vasconcelos, desenvolvido em 59 pontos e aprovado pelo Vice-Rei em 11 de Maio do ano seguinte – com o estabelecimento de regras rigorosas no tocante a um exercício rigoroso das técnicas de *amalgamação* da prata nas minas peruanas. Cfr. o nosso estudo “Uma personalidade seiscentista...”, na sua parte final.

14 VILLENA, Guillermo Lohmann estabelece que Enrique Garcês deve então ter “proposto o seu nome para ocupar um dos cargos burocráticos em Huancavelica, o que permitiria oferecer-lhe uma regalia de dez mil ducados anuais”. Cfr. o interessante documento “Henrique Garcês, A 27 de Agosto de 1591. Al Presidente del Consejo de Indias”, constante de Archivo General de Indias (AGI), Lima, 131 [mesmo que nesse documento, em vez da data de 27 de Agosto surja a data final de XXX de Agosto], fonte esta com publicação por VILLENA, Guillermo Lohmann, in *Enrique Garcês, Descubridor del Mercurio en El Peru, Poeta y Arbitrista*, Lisboa, 1969, pp. 48-51.

em crer, hoje, que tal durou até praticamente ao fim da sua vida na Cidade de los Reyes.

Efetivamente – no desenrolar do nosso programa de pesquisas sobre este *metalúrgico*-humanista bracarense, em Madrid na biblioteca de Real Academia de la Historia¹⁵ (a que pertencemos) – pudemos colher a sensação de que ele jamais se conseguiu *libertar* dos seus encantamentos no estudo da prata.

Algumas questões relativas às técnicas de utilização do mercúrio e da prata (incluindo no plano da *amalgamação*), desde o período da Idade Clássica até aos séculos XVI-XVIII continuam, nele, sem encontrar resposta. Sabe-se, porém, que a recuperação de ouro através da utilização do mercúrio nos séculos XVI-XVIII¹⁶, data já, possivelmente, do tempo dos Romanos. Só que a aplicação desse processo à prata no Perú não parece ser anterior ao século XVI.

Entre Teofrasto, Dioscórides e Vitrúvio

Importa continuar, agora, os estudos de aprofundamento das questões técnicas sobre a prata por parte de Constantino de Vasconcelos, já depois de se ter fixado na Ciudad de los Reyes. Isso obriga a que ele seja perspetivado também por via de alguns dos autores da Antiguidade Clássica que terá então conhecido, como Vitrúvio e Plínio o Velho. Foi o caso, ainda, de alguns bem conhecidos metalurgistas da Renascença, como o alemão Georgius Agricola ou Vannocio Biringuccio.

15 Agradecemos todos os esforços de utilidade ao responsável por tão bem apetrechada biblioteca da Real Academia de la Historia (Madrid), D. Juan Miguel Ladero Quesada, o ter posto à nossa disposição tão significativo acervo para a nossa pesquisa.

16 Seguimos, nos vários passos do presente projecto de pesquisa alguns textos históricos apresentados por HOOVER, Herbert Clark e HOOVER, Lou Henry, em "Notas históricas sobre Amalgamação", in AGRICOLA, Georgius, *Re Metallica*, Nova Iorque, Dover Publications, 1950, pp. 297-299.

O azougue era bem conhecido dos Gregos e foi descrito, depois de Aristóteles¹⁷, no séc. III A.C., por Teofrasto¹⁸ e outros. Os Gregos, porém, não fizeram qualquer menção do seu uso na *amalgamação*¹⁹.

O azougue era usado pelos Gregos com fins medicinais. Os Romanos amalgamavam ouro com mercúrio, mas não sabemos se obtiveram vantagens do princípio de recuperação de outros minerais.

Vitrúvio²⁰ (VII, 8), por seu lado, proferiu a seguinte afirmação:

Se o azougue for colocado num vaso e se se colocar uma pedra de cem libras nesse vaso, esta boiará no topo e, independentemente do seu peso, será incapaz de pressionar o líquido ao ponto de o partir ou separar. Se se retirar a pedra e se se colocar uma única pedrinha de ouro, esta não irá boiar, mas descer imediatamente para o fundo. Isto prova que a gravidade de um corpo não depende do seu peso.

17 Aristóteles, na obra *Metereologica*, IV, 8, 11, apresentou várias considerações sobre o azougue e as suas utilizações. Remetemos, a este respeito, para a edição de Aristóteles, *Metereologica*, IV, 8, 1 com várias G. Vuillemin (e o estudo de), apresentava várias considerações sobre o azougue e as suas utilizações, Turnhout, Brepols, 2008, 2 vols., com o estudo de J. Bram e P. De Leemans, e, num contexto mais abrangente, para o estudo de J. Bram / P. De Leemans, "The Aristoteles Latinus project. A survey", in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XII, vol. 24, Lisboa, CEHLE, 2009, pp. 105-122 (em particular na p. 111).

18 Theophrasto (Eresbos, Lesbos, c. 372 - Atenas, 287 a.C., primeiramente discípulo de Platão e, depois, de Aristóteles. Foram da autoria deste pensador grego criteriosas obras como *Histórias das Plantas*; e, também, *Caracteres*. Desta última obra de Teophrasto, *Caracteres*, dispomos hoje de uma criteriosa edição/tradução do grego, da responsabilidade de helenista, Prof. Maria de Fátima Sousa e Silva, da área da Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

19 Num sentido mais lato, no domínio científico da Química, o conceito de *amalgamação* (como constituição de uma amálgama) identifica-se com a preparação de uma liga de mercúrio com outro metal ou metais; formação de *amálgama*. Entretanto no sentido mais específico da exploração mineira e do tratamento dos minérios recolhidos – área em que o seiscientista Constantino de Vasconcelos, com todo o seu saber, laborou no Peru – pretende-se significar o processo de extração de metais nobres dos minérios que os contém, a que já ali se procedia na época com recurso ao uso de mercúrio.

20 Vitrúvio foi um engenheiro militar e arquitecto romano do séc. I a.C. Foi o autor de um conhecido tratado, que teve ampla popularidade na Europa a partir do século XV. Quanto a este autor clássico deve ter-se presente que o próprio Constantino de Vasconcelos, no Perú, declarou ter-se formado (conforme se regista em outro passo deste nosso trabalho) no âmbito da *Arquitectura vitruviana*.

O azougue é usado com muitos propósitos. Sem ele, nem a prata nem o latão poderiam ser adequadamente dourados. Quando o ouro está bordado em vestuário gasto e sem utilidade, o tecido é incinerado em potes de terra; as cinzas são lançadas à água e adiciona-se azougue; assim recolhe todas as partículas de ouro e une-se com elas. De seguida, a água é despejada e o resíduo colocado num pano que, depois de espremido com as mãos, obriga o azougue líquido a passar pelos poros do pano, mas retém o ouro numa massa, dentro de si²¹.

Quanto a Plínio o Velho²², este autor clássico mostra-se explícito quanto a estas práticas (in *História Natural*, XXXIII, 32):

Tudo flutua no azougue excepto o ouro. Este é atraído para o interior e, como tal, é a melhor forma de se purificar. Ao ser repetidamente agitado em potes de terra, afasta as restantes partículas e as impurezas. Estas partículas - rejeitadas, com vista a facultar a obtenção de ouro - comprimem-se e, exsudando como a transpiração, deixam sair esse mesmo ouro, em estado de pureza²³.

De notar, em particular, que ambos os autores afirmam que o ouro é a única substância que não flutua. Por outro lado, eles não fazem qualquer referência à prata poder combinar com mercúrio,

21 Esta passagem da referida obra de Vitruvius, seguiu em particular a versão em língua inglesa. p. 217

22 Plínio o Velho, ou Caius Plinius Secundus (Cômo, 23 – 73), naturalista e escritor latino que faleceu na erupção do Vesúvio. Tratou-se do autor da *História Natural*, uma vasta compilação científica em 37 livros.

23 Stéphane Schmitt, na sua versão directa do latim do texto da *Histoire Naturelle*, de Plínio o Velho (edição da Gallimard, Pleiade, 2013), p. Liv. XXXIII, 'L'argent', n.º 32 apresenta uma versão que, na sua parte final, não é totalmente coincidente com esta: '*Une fois les impuretés ainsi expulsées, afin de séparer le vif-argent de l'or, on verse le tout sur des peaux bien lissées; le vif-argente s'écoule à travers comme le sueur et laisse l'or pur*'.

embora Beckmann²⁴ não só releve esta passagem (atrás transcrita) de Plínio, no que se refere à prata, como também - perpetuando o erro – atribua também a origem da *amalgamação* da prata (a partir de vários minerais) aos castelhanos que se encontravam ativos nas Índias ocidentais.

Os alquimistas medievais e as teorias de Agricola

Os alquimistas da Idade Média eram bem conhecedores de que a prata se amalgamava com mercúrio. No entanto, existe uma dificuldade em qualquer conclusão que tenha sido posta em prática por eles na separação de prata ou ouro de diversos outros minerais.

A linguagem sem nexo em que a maioria das suas elocuições se baseavam, esconde a maioria das suas reações em qualquer momento. A Escola de Geber defendia que todos os metais eram um composto de mercúrio “espiritual” e enxofre e os seus seguidores amalgamavam a prata com mercúrio, separando-os depois por destilação.

Na pretensa separação do ouro e prata, chegava a ser posto em prática um método de recuperação a partir de matérias demasiado compactas (cloretos de prata), com recuso ao azougue.

O renascentista alemão Georgius Agricola²⁵ não faz menção, em nenhum lugar da sua famosa obra, do tratamento de minerais de prata por *amalgamação*.

24 Beckmann, *History of Inventions*, vol. I, p. 14.

25 Georgius Agricola (Glauchau, 24-III-1494-Chemnitz, 1/XI-1555), foi um sábio alemão, e médico. Interessou-se pela Mineralogia e pela Metalurgia, em que foi reconhecidamente um teórico verdadeiramente inovador, tendo publicado o tratado *De Re Metallica* em 1556. Nas colecções de edições quinhentistas do CEHLE, conta-se a edição original de Agricola, de Basileia, de 1556. Cfr. MATOS, Manuel Cadafaz de, “Carta 169 a Marcel Conche, *Le Signe de la Crosse*, in *242 Cartas filosóficas e históricas (2002-2022 de e para Marcel Conche da Sorbonne*, Lisboa, CEHLE, 2023, pp. 587-588.

GEORGII AGRICOLAE DE RE METALLICA LIBRI XII. QVI.

bus Officia, Instrumenta, Machinae, ac omnia deniq; ad Metallis
tam spectantia, non modo luculentissimè describuntur, sed & per
effigies, suis locis insertas, adiunctis Latinis, Germanicisq; appella-
tionibus ita ob oculos ponuntur, ut clarius tradi non possint.

E I V S D E M

DE ANIMANTIBVS SVBERRANEIS Liber, ab Autore res
cognitus: cum Indicibus diuersis, quicquid in opere tractatum est,
pulchrè demonstrantibus.



BASILEAE M. D. LVI.

Cum Priuilegio Imperatoris in annos v.
& Galliarum Regis ad Sexennium.

Frontispício da edição de Georgius Agricola,
De Re Metallica, de Basieia, de 1556, (colecção do CEHLE)

Subsistem, porém, alguns pontos de contacto entre o tratado de Agricola e o tratado *De la Pirotechnia*, de Vannocio Biringuccio²⁶. Esta obra italiana, precedeu a germânica e fora publicada em 1540, ou seja, uns bons anos antes do aparecimento (em letra de forma) *De Re Metallica* e nela se contém o primeiro relato completo da *amalgamação* da prata²⁷.

26 Biringuccio (Sienna, 1480-Roma, 1539, *De la Pirotechnia*.

27 ²⁴ Existe um interesse acima do habitual por essa descrição de Biringuccio. Chega mesmo a admitir-se que, muito antes desta edição italiana do tratado *De la Pirotechnia*, os castelhanos pudessem ter inventado no México esse processo da *amalgamação*.

Importa ter em presença, com efeito, esta curiosa passagem:

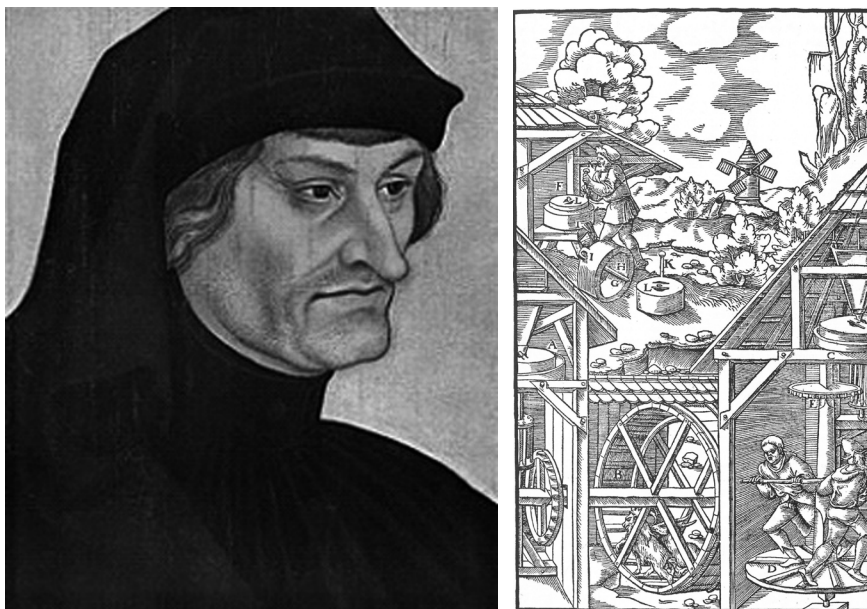
Esse cientista [Biringuccio] foi certamente dotado de muito útil e engenhoso pensamento, que inventou o método breve de extrair metal a partir de trabalhos de recuperação, no âmbito daquelas artes ligadas ao ouro e à prata, de qualquer substância remanescente nos resíduos das fundições, e também da própria substância de alguns minérios. Isso sem recorrer ao trabalho da fusão, mas unicamente por meio e através das virtudes do mercúrio. Para este efeito, em primeiro lugar, era contruída uma grande bacia de pedra ou de madeira e emparedada. A esta aplicava-se uma mó de modo a rodar como a dos moinhos. Na cavidade da bacia, era colocada uma substância com ouro, bem moída em almofariz que, posteriormente, era lavada e seca²⁸.

Então, com a mó referida, esse material era moído enquanto se humedecia com vinagre, ou água, no qual tivesse sido dissolvido sublimado corrosivo (solimato), verdete (verde rame) e sal comum. Sobre estes materiais era colocado mercúrio suficiente para os cobrir.

De seguida, esses materiais eram mexidos durante uma ou duas horas, rodando a mó, fosse por via da força do homem ou de um cavalo, segundo o plano adotado, tendo em consideração que quanto mais o mercúrio e os materiais tivessem sido misturados pela mó, mais se podia confiar que o mercúrio tivesse retirado a substância que os materiais continham²⁹.

28 Cfr. *Mettallurgy of silver and gold*, versão em língua inglesa por Percy / A. Dick, p. 560.

29 Idem, *ibidem*.



Retrato de Rodolfo Agricola, por Lucas Cranach, o Velho, de c. 1532; à direita, uma das gravuras apresentadas na edição de Georgius Agricola, não faltando a presença do próprio moinho a que se faz alusão na presente passagem

Nestas condições, o mercúrio podia ser separado da matéria terrosa, ou com uma peneira, ou através de lavagem. Tal permitia, de facto, a recuperação do verdadeiro mercúrio aurífero. Depois disto, ao retirar o mercúrio através de um frasco (i.e., aquecendo em retorta ou em alambique), ou coando com um saco, ficaria, no fundo, o ouro, a prata ou o cobre ou qualquer metal que tivesse sido colocado na bacia para ser moído pela mó.

Pelo desejo que tinha em conhecer este segredo, ofereci a quem mo ensinou um anel com um diamante no valor de 25 ducados; também me exigiu que lhe desse uma oitava parte de qualquer lucro que fizesse por o usar. Isto quis partilhar com o leitor, não para que me devolvesse os ducados por eu lhe ter ensinado o segredo, mas para que o estime ainda mais e lhe dê valor³⁰.

³⁰ Idem, *ibidem*.



Frontispício da edição de Biringuccio, *De la Pirotechnia* (de 1540)

Biringuccio, a dado passo deste seu tratado, afirma que os minérios (concentrados) lavados podem ser, em última análise, reduzidos, seja com chumbo seja com mercúrio. Por seu lado, e relativamente a estes concentrados de prata, esse autor referiu ainda a tal respeito:

Deve-se encharcar, posteriormente, esse material com vinagre, recorrer-se ainda à sua colocação sobre cobre verde (i.e., verdete); ou encharcar com água em que tenha sido dissolvido vitríolo e cobre verde.

Dos rendimentos auferidos pela Coroa espanhola em resultado da exploração mineira na Nova Espanha: do comércio da prata peruana

ao estabelecimento por Azpilcueta Navarro e por Covarrubias y Leiva de uma (outra) teoria do valor

Sensivelmente no período de 1657, ao tempo do Vice-Reinado na Nova Espanha de Luís Enrique de Guzmán, Constantino de Vasconcelos continuava ainda a acompanhar, com todo o interesse e alguma assiduidade (em função de ter trabalhado, num período tão dilatado, no universo das minas e da amalgamação da prata) em questões relacionadas com esse metal nobre.

Ele não só acompanhava os novos desenvolvimentos na exploração mineira peruana da prata, como os da cunhagem da moeda³¹ e das influências da teorização monetária por credenciados especialistas universitários espanhóis da época.

Foi o caso de Martin de Azpilcueta Navarro³².

Efetivamente esse universitário ibérico – que proveniente de Espanha viera ensinar na Universidade de Coimbra³³ – havia sido um dos primeiros, em 1556, a explicar as bases da teoria quantitativa da Moeda, na sua obra *Comentario Resolutório de Câmbios*³⁴.

31 No que concerne à moeda – embora sem a preocupação de aprofundarmos aqui este tema – registemos apenas o facto de, em 1575, ter sido criada em Potosí a *Casa de la Moneda* (associada a essa exploração mineira aí decorrente).

32 Martín de Azpilcueta Navarro foi um famoso humanista (Navarra, c. 1492 - 1586) e tio do Pe. João de Azpilcueta Navarro, missionário jesuíta famoso por ser excelente linguista e como teve bom contacto com os índios da Capitania da Bahia, no século XVI. Ele entrou no sertão, em 1553, comandado pelo castelhano Francisco Bruza de Espinosa (ou também por vezes referenciado como Espinhosa).

33 Tinham vindo de Espanha para Portugal, à época, outros docentes tais como Afonso do Prado, Francisco de Monzón, Juan de Pedraza, Martinho Salvador Azpilcueta, João Peruchio Mongrovejo, Bartolomeu Filipe, Luís Alarcão, Afonso Rodriguez de Guevara, Francisco Franco, ou Henrique Cuellar.

34 Para além deste tratado Azpilcueta Navarro fez editar, de sua autoria, nesse período quincentista, outras obras muito apreciadas à época, tais como *Relectio cap. Novit de Judiciis* (Coimbra, 1548); *Manual de Confessores e Penitentes* (Coimbra, 1560), ou o *Tractado de las rentas de los beneficios ecclesiasticos : para saber en que se han de gastar y a quien se han de dar, y dexas* (Valladolid, 1566). - Seguimos, neste passo, essencialmente aspectos particulares do seu trabalho *Comentario resolutorio de câmbios*, na sua edição mais recente, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1965.



À esquerda, retrato, em gravura, do humanista e jurisconsulto espanhol, Martin de Azpilcueta Navarro; à direita, frontispício da sua edição, *Consilia et responsa*, obra impressa em Lyon, em 1594
(dos fundos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)

Ele havia observado os efeitos que as enormes quantidades de metais preciosos vindos da América do Sul tinham sobre os preços dos produtos na Espanha, nestes termos:

Como mostra a experiência, na França, onde há menos dinheiro do que na Espanha, o pão, o vinho, a roupa, o trabalho custam muito menos; e mesmo na Espanha, no tempo em que havia menos dinheiro, as coisas que podiam ser vendidas e o trabalho do homem custavam muito menos do que depois que as Índias foram descobertas e cobriram a Espanha de prata e ouro. A causa disso é que o dinheiro custa mais onde e quando faz falta do que onde e quanto existe em abundância.

Apesar de tudo não dispomos de elementos se Constantino de Vasconcelos, associado aos empreendimentos peruanos na área da

Engenharia e da Arquitetura chegou (ou não) a beneficiar de um enriquecimento pessoal, a adquirir fortuna. Não lhe terá passado despercebido, como homem culto que era, o quanto os valores da prata tinham contribuído para o enriquecimento quer da Coroa de Castela quer de uma parte da Nobreza de sangue.

Tais ensinamentos de Azpilcueta Navarro, a par dos de Diego de Covarrubias y Leyva³⁵, não teriam passado despercebidos, decerto, ao português natural da região de Braga, que não mais voltaria a Portugal. Ele teria acompanhado, por outro lado, que, já no ano de 1546, Covarrubias y Leyva havia sido designado Arcebispo de Santo Domingo pelo imperador Carlos V.



Diego de Covarrubias y Leiva (1512-1577) num retrato da autoria de el Greco, c. 1600 (Museo del Greco, Toledo)

35 Diego de Covarrubias y Leyva – antes de viajar para as Índias ocidentais- estivera uns tempos na qualidade de aluno de Martín de Azpilcueta Navarro, na Universidade de Salamanca.

De facto Diego de Covarrubias y Leiva tinha sido, pouco antes, considerado o primeiro autor a expôr, ainda em 1554, a *teoria subjetiva do valor*. Esta foi precursora da *teoria marginalista*, por ter afirmado que “o valor de uma coisa não depende de sua natureza objetiva, mas da estimativa subjetiva dos homens, mesmo que tal estimativa seja insensata”³⁶.

Aspetos particulares da exploração da prata peruana em obras da ourivesaria histórica produzidas nesse período

Ainda se encontra também por ser feita, uma avaliação global e transversal – com reflexos na própria História de Arte peninsular – das obras que, na esfera da Ourivesaria, civil e religiosa, vieram a ser integradas em coleções estatais e em coleções particulares. Tais trabalhos artísticos encontram-se inequivocamente associados à exploração do ouro e da prata no Perú. Tomemos aqui, pelo menos, em consideração um desses aspetos.

Poderia muito bem ter estado relacionada com a exploração metalúrgica nas minas de Potosí – onde havia sido criada já em 1575, a *Casa de la Moneda* (associada a essa exploração, como já referimos) - a Bacia de prata peruana datada por especialistas de entre c. 1600 e c. 1620, onde surge puncionado o nome de D. Catalina de Legros y Cordoba com representações avícolas e vegetalistas, que hoje se conserva em Madrid no Museu de Artes Decorativas.

36 Teria Constantino de Vasconcelos, nesse período final da sua vida, acompanhado os efeitos provocados na Espanha pelo fluxo de metais preciosos vindos da América.



Bacia de prata *peruana* de D. Catalina de Legros y Cordobade c. 1610-20
(por cortesia do Museu de Artes Decorativas de Madrid)

O bracarense Constantino de Vasconcelos poderia, aliás, ter também tomado conhecimento, naquele Vice-Reino do Perú, de outros significativos testemunhos da acção artística (a partir da prata e do ouro ali recolhidos), de alguns outros agentes ibéricos, que se afeiçoaram e fizeram circular o património cristão, na área da Ourivesaria, aí produzida.

Deste modo há a salientar um outro caso de produção artística em prata que resultou, de igual modo, da extração mineira naquele território. Foi o sucedido com uma lâmpada de prata que na primeira metade do século XVIII (se não mesmo um pouco antes) foi enviada dali para Lisboa.

Nesta outra ação esteve envolvido, como protagonista, o eclesiástico Francisco de Valladolid³⁷, que desempenhou, durante alguns

³⁷ Este Francisco de Valladolid não pode ser confundido com o seu homónimo que, nos últimos anos do século XV, fora um dos navegadores que tinham acompanhado Cristóvão Colombo às Americas. Tal missão, recorde-se, tinha tido a finalidade (entre outras) de serem criados alguns *asentamientos*, em nome do monarca espanhol, tanto na ilha *La Española* como em diversas outras terras a conquistar para a Coroa de Madrid. De facto uma parte significativa dos 1500 expedicionários que tinham seguido então nas 17 naus – as quais haviam partido de Cádiz em Setembro de 1493 – eram homens de armas, contando-se em tal tripulação esse outro Fancisco de Valladolid.

anos, a função de cónego na Ciudad de los Reyes, sensivelmente nesse período.

Assim, atendendo ao testemunho (setecentista) deixado pelo Pe. Caetano de Gouveia de na sua obra *Breve Relação da Santa Casa do Loreto...*, registou-se então o elucidativo caso de

[uma lâmpada de prata] *de quarenta e quatro libras de pezo, ... [que] foi dada por D. Francisco de Valladolid Conego de Lima no Peru, a qual tem noue alampadas pequenas, e destas sempre huma esta [em Lisboa] acesa...*³⁸

Ainda a figura do Pe. Alonso Barba, no tocante aos aspetos da Metalurgia peruana

Entretanto já em 15 de fevereiro de 1637 o Pe. Alonso Barba tinha feito entrega a Lizarazu dos originais de um seu livro originariamente intitulado *Arte de los metales*³⁹, onde era apresentada uma vasta descrição da riqueza argentífera do subsolo sul-americano afeto ao império hispânico. Constituíra uma intenção, por parte de Juan de Lizarazu (associado a esta edição), que os estudos mineralógicos de tal prelado viessem a ser traduzidos e divulgados - como o vieram de facto a ser, mais tarde, em Castela - pelas técnicas da imprensa, de modo a enriquecer a produção científica da época nesta vertente

38 GOUVEIA, Pe. Caetano, *Breve Relação da Santa Casa do Loreto*, Lisboa, oficina de Manuel Fernandes da Costa, 1736, pp. 40 e sgts.

39 Cfr., a propósito, dos contributos doutrinários do Pe. Alonso Barba, no universo da exploração e tratamento da prata, os trabalhos de MAFFEI, Eugenio, FIGUEROA, Ramón Rua, *Apuntes para una Biblioteca Española de libros, folletos y artículos, impresos y manuscritos, relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y á las ciencias auxiliares*, Madrid, Imprensa de J.M. Lapuente, 1871, pp. 61-65; CALVO, Miguel Calvo e SEVILLANO, Emilia, «Alvaro Alonso Barba y el Arte de los Metales», in *Química e Industria*, 45, 1998, pp. 106-111; STIEFEL, Berta Marco, “Diez años de actividad químico-orgánica en el Instituto Alonso Barba (1939-1949)”, in *Revista Arbor* (163), pp. 319-347; ou, mais recentemente, GOMEZ, Júlio Sánchez, “Álvaro Alonso Barba”, in *Diccionario de personalidades (online)*, Real Academia de la Historia, Madrid.

específica. No âmbito das pesquisas deste prelado – como veio a suceder também com Constantino de Vasconcelos – as atividades da química da prata, nos seus estudos, não podiam também ser descuradas.- Ver ANEXO I. Segundo Julio Sánchez Gómez, esta

foi a obra mais importante de metalurgia aparecida no século e, ao mesmo tempo, um acabado compêndio do saber técnico em metalurgia⁴⁰ nesse momento e um conjunto de propostas originais do próprio Barba, no que de mais apelativa é a modernidade na sua forma de conceber os processos que descreve.

III - A VERTENTE ARQUITECTURAL NO TÉCNICO E NO ARTISTA DA REGIÃO BRACARENSE ALI ACTIVO

Houve alguma inclinação franciscana em Constantino de Vasconcelos, no seu trabalho para a Ordem Terceira em Lima? Ou tratou-se, apenas, de uma encomenda técnica, pelas capacidades que tinha o português?

Assim sendo poderemos formular, do seguinte modo, a questão:

- há um Franciscanismo nas ações técnicas de Constantino de Vasconcelos na igreja dos Irmãos Terceiros de Lima?
- teria ele alguma proximidade ideológica a tais irmãos?

Não deveremos, a respeito destes questionamentos, pôr totalmente de parte o que escreveu Suarez de Figueiroa, à época, sobre ele (como já referimos), *estoico na vida da natureza filosofal*.

40 Remetemos, aqui, para o nosso já referido estudo anterior, "Uma personalidade seiscentista...", Anexo I, "Da amalgamação da prata...", pelo Pe. Alonso Barba. *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, n.º 53/54 (2023/2024)

O bracarense Constantino de Vasconcelos ao serviço da comunidade franciscana local e do seu programa arquitetural: a edificação da igreja do convento de S. Francisco.

Poucos anos depois, em 1657, ainda durante o Vice-Reinado no Perú de D. Luís Enrique de Guzmán, este representante da Coroa de Castela acabaria por autorizar o bracarense Constantino de Vasconcelos – de que nos temos ocupado – quanto ao exigente encargo de preparar planos para a reedificação da igreja da Ordem Terceira de S. Francisco. Por razões que desconhecemos, tinha havido uma aproximação da hierarquia franciscana na Ciudad de los Reyes para com o já prestigiado engenheiro e arquiteto.

Tratava-se, sem dúvida, de uma viragem na sua atividade, desta feita já no universo arquitetónico-artístico, que se pode perspetivar no domínio da História de Arte. Ele veio a tornar-se, desta feita, no qualificado arquiteto que concebeu o projeto das (novas) instalações seiscentistas – pelo menos a fachada - da aludida igreja do Convento de S. Francisco, na Ciudad de los Reyes. Algumas das maiores autoridades daquele século – em contributos de significativo alcance para a História de Arte peruana nesse período – têm trazido, a tal respeito, irrevogáveis contributos.

Dado que havia sido reconhecida a este técnico e artista português - pelo menos desde a sua permanência na missão de Valdívia em 1645 – a sua formação universitária como arquiteto, tal já permite compreender, em si, o facto de uma dúzia de anos depois, em 1657, ele ter recebido a incumbência de reestruturar em Lima a igreja de S. Francisco (com uma derrocada anterior devido ao referido terremoto). Com este notável empreendimento artístico, se viria ele a ocupar praticamente até o fim dos seus dias.

Efetivamente nesse ano o bracarense veio a ser encarregado - inequivocamente na qualidade de arquiteto - da reconstrução

dessa igreja franciscana⁴¹. Das excelentes qualidades que adornavam este arquiteto deu um testemunho significativo Frei Miguel Suarez de Figueroa, no seu curioso livro *Templo de Nuestro Grande Patriarca San Francisco de la Provincia de los doze Apostolos de el Peru, en la Ciudad de los Reyes arruinado, restaurado y engrandecido de la providencia Divina en panegyrico historial y poetico certamen*, Lima, 1675⁴², em todo o seu espírito (como notou Moura Sobral) arquetónico Barroco⁴³.

A presença do ideário de abnegação franciscano – que chegava mesmo aos próprios desenhos (arquetónicos) de construção – denuncia(va) já então como que um tipo de combate erasmiano, no plano do *enchiridion militis christiani*. As armas, então, não eram muito diferentes: da lança num exército que se erguia contra um inimigo, ou no plano de uma nau que em todo o seu vigor se agigantava contra a porcela dos inimigos da fé, dos indígenas que ali adoravam o Sol. Não era por acaso que Suarez de Figueroa estabelecia, na sua aludida obra (de que detemos um exemplar), que este convento franciscano apresentava as formas de um *navio*, ou seja, um *navio na porcela* contra os inimigos da fé.

41 RODRIGUEZ-CAMILLONI, Humberto Leonardo, “Constantino de Vasconcelos”, in *Encyclopedia of Latin American and Caribbean Art*, Londres, 2000, pp. 682-683; e, mais recentemente, PACHECO, Ana Assis, “Convento Franciscano de Lima. Uma obra seiscentista de um engenheiro e arquitecto português”, in *Itinerarium. Revista Quadrimestral de Cultura*, Ano LV, nº. 194, Lisboa, Maio-Agosto de 2009, pp. 205-217.

42 Este convento – a deduzir-se pelas descrições barrocas de Suarez de Figueroa – tivera inicialmente a ambição de poder albergar pelo menos cerca de 280 religiosos daquela Ordem. Esta instituição monástica (que já no século XX veio a ser objeto de demolições parciais) era dotado de amplas instalações que ocupavam duas frentes de uma ampla praça; enquanto se impunham, no seu fausto, ante o curso do rio Rímac. Nas suas onze partes integrantes contavam-se espaços como estes, a *Via Crucis*, Portaria, Soledad, Milagro, Claustro grande, Claustro segundo, Enfermaria, Noviciado, Horta, Botica e Claustro da Soledad. – Só que para além desse claustro principal e secundário havia, pelo menos, mais dois claustros, isso para além de vários pátios.

43 Agradecemos L. Moura Sobral o ter partilhado connosco um exemplar do seu trabalho sobre Constantino de Vasconcelos, arquitecto de Lima barroca, in *Do sentido das imagens*, 1996.

Suarez de Figueiroa, pronunciando-se como franciscano, sobre os inícios da reconstrução da obra, foi peremptório quando escreveu:

*dirigiu-a [desde o início, em 1657] Constantino de Vasconcelos, lusitano, novo Arquimedes nas Matemáticas, Platão na Filosofia natural e Diógenes estoico na vida da natureza filosofal*⁴⁴.

Era de facto laudatório o perfil biográfico do artista bracarense aqui traçado por Suarez de Figueroa⁴⁵. Só que deve ser ainda conhecido um dado particularmente relevante para definir o período em que verdadeiramente Constantino de Vasconcelos veio a ser o responsável por essa obra de edificação misto de restauração. Efetivamente as obras do dito convento votado a S. Francisco em Lima, não podem ser-lhe imputadas na totalidade, mas também a um seu seguidor, Escobar.

Um contrato envolvendo Constantino Vasconcelos e Manuel de Escobar, lavrado na Ciudad de los Reyes em 14 de junho de 1459 (nove anos antes do desaparecimento do primeiro)

O início de tais obras monásticas, por assim dizer, passou a decorrer, na realidade, depois de Vasconcelos ter sido chamado ao respetivo contrato lavrado para o efeito em 14 de junho de 1659:

44 LOZOYA, Marquês de, "Constantino de Vasconcelos, *ibidem*, p. 2.

45 FIGUEROA, Frei Miguel Suárez de, *Templo de N. Grande Patriarca San Francisco de la Provincia de los doze apóstoles de el Peru en la Ciudad de los Reyes arruinado, restaurado, y engrandecido de la providencia Divina*, editado conjuntamente com *Visita y declaración que hizo el P. Fray Juan de Benevides, ministro legal y honesta persona del Santo Tribunal de la Inquisición y sacristán mayor del Convento Grande de N. P. S. Francisco, en la residencia del Rmo. P. D. Luis Zerbela, padre perpetuo de la Provincia de Santiago, general y de todas las del Peru, del tiempo que fue comisario de ellas*, Lima, 1675, fl. 4 vº. Desta obra fez-se uma nova edição espanhola em 2007.

Manuel de Escobar, como oficial em construções [albañil], se obrigou a trabalhar e trabalhará na obra da dita igreja, desde hoje dia e data da presente escritura em diante, até que se acabe a dita igreja, pelo preço de três pesos de a oito reais cada dia de trabalho, trabalhando pessoalmente em serviços de manufactura e fazendo officio de aparelhador, dirigindo toda a dita obra e seguindo em tudo a planta e disposições de D. Constantino Basconcelos [sic], sem sair dessa ordem quanto à disposição e fábrica da dita igreja, sem pedir mais dinheiro nem outro tipo de concertação em qualquer tempo, enquanto durar a dita obra, isso até acabar de todo a dita igreja, nem poder sair tão pouco para qualquer outra obra, nem dentro nem fora da dita cidade [de Lima], senão apenas para a dita igreja do Senhor San Francisco⁴⁶.

O arquiteto bracarense tinha desenhado pouco antes, com efeito, uma (nova) planta *levantando* a monumental igreja de S. Francisco (sensivelmente tal como hoje se conhece). O Vice-Rei, Luis Enrique de Guzmán, Conde de Alba de Liste⁴⁷, dois anos antes do aludido contrato envolvendo também o português, havia participado oficialmente, em 8 de maio de 1657⁴⁸, naquelas estruturas de base do templo em projeto, na colocação da simbólica primeira pedra.

46 Este contrato original encontra-se exarado in *Archivo General de la Nación*, Lima, Marcelo Antonio de Figueiroa, Escribano Publico, Prot. 631, Lima, 14 Junio de 1659, fls. 2300-2301 vº. O mesmo é transcrito por RODRIGUEZ-CAMILLONI, Humberto Leonardo, in "Quincha architecture: The development of an antiseismic structural system in seventeenth century Lima", in *Proceedings of the First International Congress of Construction History* (Madrid, 20-24 de Janeiro de 2003), pp. 1741-1752, em particular in p. 1743.

47 Este Vice Rei do Perú, D. Luis Enríquez de Guzmán, IX Conde de Alba de Liste - nessas funções desde 24 de Fevereiro de 1655 (até 31 de Dezembro de 1661) - pertenceu à Ordem de Calatrava. Encontram-se documentadas várias ações de Constantino de Vasconcelos em contacto com os mais diretos colaboradores deste Conde na cidade de Lima.

48 RODRIGUES, Maria Dolores Crespo, *Dicionário de personalidades*, Real Academia de la Historia, Madrid.



Vice-Rei do Perú, D. Luis Enríquez de Guzmán (1610-1680)

Parece que, às suas excelentes qualidades como artista, Vasconcelos juntava algumas outras virtudes pessoais. O Pe. Rodriguez Tena regista que ele, nesta obra de uma significativa dimensão, patenteou uma relativa exiguidade de recursos e também de custos. Para tal projeto de reconstrução – tomando como ponto de base as formas arquitetónicas primitivas de 1550-1561 e as estruturas ainda então aí existentes - ele terá beneficiado da confiança das mais altas autoridades civis e eclesiásticas de Lima. Tratava-se então, já se vê, mais do que uma igreja, de um complexo monástico franciscano.

Foi precisamente depois da trágica ocorrência de grandes terremotos que devastaram Lima e outras partes do Perú em 1609⁴⁹ e

49 RODRIGUEZ-CAMILLONI, Humberto Leonardo, "Quincha architecture...", edição ant. cit. (fonte onde é feita também alusão, in p. 1741, às ações então desenvolvidos na recuperação da Catedral de Lima).

1655 que Constantino de Vasconcelos, naquela capital Vice-Reinal, veio a receber instruções para voltar a dar nova vida às instalações monásticas franciscanas do centro histórico daquela cidade. Essas construções faziam parte de um legado franciscano mais vasto (naquela região) que já remontava a meados do século XVI⁵⁰. Deste modo as autoridades castelhanas reconheceriam os benéficos resultados arquiteturais e o amplo esforço de Vasconcelos nesse trabalho. O mesmo não terá sucedido, como já notou em circunstâncias diversas Maria da Graça Mateus, quanto a outros tipos de prestação de trabalhos naquele Vice-Reino⁵¹.

A (nova) obra da igreja de Lima votada a S. Francisco tinha de facto sido iniciada, em grande azáfama, sob a direção do cientista português.

Ainda a respeito da edificação desse templo o Pe. Suárez de Figueroa, escreveu:

Próspera e aceleradamente se levou a obra do Santo Templo dos Doze Apóstolos de Lima, até ao fim do cruzeiro e às primeiras capelas das suas

50 Importa remontar - neste passo do presente trabalho - aos antecedentes dos Franciscanos no Perú em 1549. Sobre esta matéria deu um elucidativo testemunho SANTIAGO, Frei Francisco de, OFM, in *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade*, tomo I, Lisboa, oficina de Miguel Manescal da Costa, 1692, p. 74 (do tomo II da mesma obra deste cronista, só nos resta o manuscrito existente na sede da Província da Ordem Terceira, em Lisboa, mas de que temos no CEHLE uma cópia encadernada integral). Segundo Frei Francisco de Santiago, com efeito, fora naquele ano que alguns franciscanos da Província dos Algarves haviam já edificado, na cidade de Cuzco (e procurando-se de alguma forma antepor uma nova crença aqueles adoradores do Sol), um dos primeiros conventos peruanos daquela Ordem.- Agradecemos esta informação ao historiador franciscano – e nosso confrade na Academia Portuguesa da História – Frei Henrique Pinto Rema. Sobre a referida *Chronica...* como basa documental para a presença histórica dos Franciscanos no Perú veja-se, ainda, ARAÚJO, António de Sousa, “Em torno da *Crónica da Província de Nossa Senhora da Soledade*, de Frei Francisco de Santiago”, in revista *Lusitania Sacra*, vol. 23, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Janeiro-Junho de 2011, pp. 233-241.

51 Cfr. MATEUS, Maria da Graça (nossa Confrade também na Academia Portuguesa da História), na sua dissertação de doutoramento sobre o tema *Portugueses no Perú ao tempo da União Ibérica – mobilidade, cumplicidade e vivências* (de 2005). Esta autora pôs em relevo – investindo diversos processos judiciais e da Inquisição – os cerca de um milhar de portugueses que trabalharam nesse período em vários locais do vice-Reino do Perú, mas tendo alguns deles os seus dias terminados nas prisões inquisitoriais da cidade de Sevilha.

*naves, que serviram de coro, enquanto o corpo da igreja se concluía. O Illustrissimo Senhor D. Pedro de Villagomez, Arçobispo de la Ciudad de los Reyes, procedeu à bênção desta primeira metade do templo a 3 de Outubro de 1664*⁵².

As obras dessa igreja foram sem dúvida morosas. Isso porque apenas em 1664 (quatro anos antes de Vasconcelos falecer), o templo veio a beneficiar da bênção das autoridades eclesiásticas.

Este bracarense traçou, assim, “os planos da sua obra-mestra conhecida, a igreja de S. Francisco...”. Sabe-se hoje que o fez com as competências técnicas que lhe foram, então, reconhecidas, em resultado, como já dissemos, da sua formação universitária ibérica⁵³.

Uma das técnicas particulares então por ele utilizadas denotou que ele se encontrava já inteirado das componentes do modelo tradicional da região, o modelo Quincha⁵⁴.

Mais do que as estruturas arquitetónicas de raiz naquele complexo, havia diversos outros aspectos estéticos a considerar ali, incluindo a decoração em azulejo. Não foi em vão que no estudo relativamente recente (última décadas do século XX) com vista ao projeto de reconstrução de S. Francisco o Grande, Humberto Leonardo Rodriguez-

52 LOZOYA, Marquês de, “Constantino de Vasconcelos...”, p. 3. Veja-se, também, o contributo essencial trazido a esta matéria por Humberto Rodríguez-Camiloni in “Tradición e innovación en la arquitectura del Virreinato del Perú: Constantino de Vasconcelos y la invención de la arquitectura de *quincha* en Lima durante el siglo XVII”, in *XVII Coloquio Internacional de Historia del Arte. Historia e identidad en América. Visiones comparativas*, t. II, México, UNAM-IIE, 1994

53 Essa competência técnica que foi então reconhecida ao técnico português pelas diversas entidades envolvidas na construção deste templo de Lima, parece estar em conformidade com o seu próprio testemunho à época, de que ele tinha “estudado a Arquitetura de Vitruvius e era douto em várias disciplinas, desde a Teologia às Matemáticas”. Este testemunho parece coadunar-se bem com os elogios de Frei Miguel Suarez de Figueiroa

54 Recorremos aqui, uma vez mais, ao abalizado estudo de RODRIGUEZ-CAMELLONI, “Quincha architecture...”, edição ant. cit., p. 1742, sobre essa tradicional técnica de construção. Pode referir-se assim que, no Peru e nas culturas andinas, *quincha* (na língua Quecha) deriva do termo *kencha*, sendo sinónimo de *barbaresque*, “usado tipicamente para identificar ... primitivas paredes simples, ou outras estruturas similares, feitas em cana ou em bambú”.- Cfr. HARTKOPF, V., *Técnicas de construcció autóctones del Perú*, s.d.

-Camelloni, detetou uma “famosa coleção de azulejos”, importados na devida altura precisamente da cidade de Sevilha.

Efectivamente, Antonio San Cristóbal Sebastián veio a pronunciar-se com autoridade (em fins dos anos 80), acerca de “Los azulejos sevillanos de San Francisco”, de Lima. Face a diversos aspetos estéticos matriciais, ele escreveu, num plano estilístico, que

*os azulejos de S. Francisco foram fabricados até 1620. Para além das formosas combinações geométricas, encontramos nas ... pilastras do claustro franciscano os motivos grotescos de folhagem, animais, homens-vegetais, etc. A comparação destes azulejos de Lima com outros de Sevilha, fabricados na mesma época, ajudaria a compreender o estudo estilístico do claustro de S. Francisco, quanto à ornamentação das suas paredes*⁵⁵.

É um facto que neste Convento da Ordem Terceira, em Lima, em particular nas práticas litúrgicas, Constantino de Vasconcelos pôde, por diversas vezes, na última fase da sua vida, acompanhar práticas musicais de origem europeia – mas também influenciadas pelas culturas mestiças – das mais diversas. Não deixa de ser evidente, porém, que foi sobretudo na catedral desta Ciudad de los Reyes, que a música mais se distinguiu - e sobretudo um pouco após a morte de Constantino de Vasconcelos - em particular pelas participações efetivas

55 SEBASTIÁN, Antonio San Cristóbal, “Los azulejos sevillanos de San Francisco”, in *Arquitectura virreinal religiosa de Lima*, Fondo Editorial, Centro de Estudios Patrimonio Cultural, 1988, pp. 436-43. ⁵⁸Veja-se que a partir de c. 1670 (dois anos após a morte daquele arquiteto e engenheiro português), o compositor Juan de Araújo - nascido em Espanha, em Vilafranca del Bierzo, em 1646 e falecido em 1712 - ocupou o cargo de *Mestre de Capela* da catedral de la Ciudad de los Reyes. (tendo seguido algum tempo depois para a de Cuzco, tendo depois dali saído para a cidade de La Plata). Cfr. GAVEL, Arndt von, *Investigaciones musicales de los Archivos Coloniales en Peru*, com introdução de Arturo Salazar Larrain, Lima Asociación Artística y Cultural ‘Jueves’, Lima, 1974 (com 14 facsímiles). Analise-se, ainda, do mesmo editor, a obra *The Musico of Peru Aboriginal and Veceroyal Epochs*, Lima, 1974 ou, também, o registo sonoro *Les Chemins du Baroque. L’Or et l’argent du Haut Peru: L’oeuvre de Juan de Araújo* (K 617, K 617038), La Maîtrise Boréale e Bernard Dewagtere. Quanto a ao compositor Roque Ceruti, Ensemble Elyma, sob a direcção de Gabriel Garrido, 1994: e, ainda, CASTAGNA, Paulo, “Música das Américas, sob o domínio europeu...”, II, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XV, vol. 31-32. Lisboa, CEHLE, 2013.

de compositores como Juan de Araújo⁵⁶, Roque Ceruti⁵⁷ (contrariamente ao músico português, natural de Miranda do Douro, Manuel de Moraes Pedrozo⁵⁸, que nunca chegou a estar, contrariamente ao que por vezes é referido, ativo no Peru).

Da morte em 1668 de Constantino de Vasconcelos, como reputado *arquitecto* em estruturas de índole religiosa na cidade de Lima

O exemplo proveitoso da vida de Constantino de Vasconcelos – em constante indagação cultural e científica no Perú – continua, ainda hoje, como um caso a reter. Encontramos, naturalmente, nessa sua

56 Veja-se que a partir de c. 1670 (dois anos após a morte daquele arquiteto e engenheiro português), o compositor Juan de Araújo - nascido em Espanha, em Vilafranca del Bierzo, em 1646 e falecido em 1712 - ocupou o cargo de *Mestre de Capela* da catedral de la Ciudad de los Reyes. (tendo seguido algum tempo depois para a de Cuzco, tendo depois dali saído para a cidade de La Plata). Cfr. GAVEL, Arndt von, *Investigaciones musicales de los Archivos Coloniales en Peru*, com introdução de Arturo Salazar Larraín, Lima Asociación Artística y Cultural 'Jueves', Lima, 1974 (com 14 facsimiles). Analise-se, ainda, do mesmo editor, a obra *The Musico of Peru Aboriginal and Viceroyal Epochs*, Lima, 1974 ou, também, o registo sonoro *Les Chemins du Baroque. L'Or et l'argent du Haut Peru: L'oeuvre de Juan de Araújo* (K 617, K 617038), La Maitrise Boréale e Bernard Dewagtere. Quanto a ao compositor Roque Ceruti, Ensemble Elyma, sob a direcção de Gabriel Garrido, 1994: e, ainda, CASTAGNA, Paulo, "Alma Latina: "Música das Américas, sob o domínio europeu...", II, in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XV, vol. 31-32. Lisboa, CEHLE, 2013.

57 Roque Ceruti tinha nascido em Milão c. 1685 (sendo portanro de uma geração ligeiramente posterior à de Constantino de Vasconcelos). Tendo embarcado para o Peru desenvolveu a sua actividade de músico e compositor em Lima, vindo a falecer c. de 1762.

58 Deve tomar-se em consideração que o compositor português Manuel Pedroso de Vasconcelos, natural de Miranda do Douro, de um período já posterior (pois esteve activo entre 1750 e 1770) nunca viria a estar activo no Peru (mesmo que num período posterior). Tal engano ficou a dever-se ao facto de Gavel, no trabalho ant. cit., ter dedicado 48 páginas do seu estudo para aí incluir um *Te Deum* de Pedroso Lima (que em 1751 havia feito editar a sua obra *Compendio Musico, ou Arte Abreviada em que se Contém regras mais necessárias Da Cantoria, Acompanhamento e Contraponto*, Porto, na oficina do Capitão Manuel Pedroso Coimbra, 1751). Isso não invalida, no entanto, que tal *Te Deum* daquele compositor mirandês não tenha sido interpretado naquela época setecentista em Lima. Essa associação errónea de Gavel acerca de uma possível permanência de Manuel Pedroso Lima no Peru manteve-se até há bem pouco tempo, na medida em que a direcção da Capilla Vireynal de Lima, em 2003, incluiu uma obra de Manuel Pedroso Lima, de "c. 1762", na antologia discográfica *El Gran Barroco. La mejor Musica Barroca de Latino-America*, numa interpretação pelo Coro de Camara Exaudi da la Habana & Capilla Vireynal de Lima, daquele ano.

atividade incessante algum paralelismo nas suas atividades com o portuense Enrique Garcês. Essa era também a opinião do historiador peruano Guillelmos Lohmann Villena⁵⁹, a quem tínhamos sido apresentados em Lisboa, no final da década de setenta, pelo historiador da Expansão portuguesa, Pe. António da Silva Rego⁶⁰.

A morte de Constantino de Vasconcelos ocorreu, presumivelmente devido a doença, em 1668. O seu legado ao Vice-Reino do Peru, foi efetivamente da mais importante valia, tanto no domínio da Engenharia, como das técnicas químicas de *amalgamação* da prata, bem como no da própria História de Arte.

A atividade de Constantino de Vasconcelos, como reputado engenheiro e desenhador técnico (como se viu antes, na fase de Valdívia), como metalurgista da prata e, finalmente, como arquiteto português, apenas foi interrompida pela sua morte, que terá acontecido repentinamente. Suarez de Figueiroa refere-se à “morte rápida”, ao progressivo e lamentável fim deste técnico⁶¹. Nesse sentido foi então encarregado da continuidade das obras aquele que era seu *ajudante*⁶² – e seguramente seu discípulo – o referido peruano Manuel de Escobar⁶³.

59 Nesse contexto relacional a ele voltámos a escrever, em começos de Maio de 1987, ao anunciarmos-lhe (quando da nossa organização nossa missão na América do sul nesse ano) o interesse de, no Perú, visitarmos alguns dos lugares a que Constantino de Vasconcelos havia estado ligado.- Ver ANEXO II

60 Esse privilégio devemos-lo, por razões de amizade, ao Padre António da Silva Rego, amigo de nossa família (e que havia convivido, durante anos, com o meu sogro em Macau). Fora precisamente o Pe. Rego quem havia editado em 1969, na revista *Studia* em Lisboa, o estudo de Lohmann Villena sobre um outro português que se destacou no domínio da prata, no Perú do século XVI, Enrique Garcês.

61 A morte do português, porém, encontra-se documentada, com segurança, como tendo acontecido em 1668. Apesar de Harth-Terré ter assinalado a data da sua morte entre 1665 e 1666, Angulo Iniguez assinala como data de tal desaparecimento – com maior justeza, a nosso ver – no referido ano de 1668

62 RODRIGUEZ-CAMILLONI Humberto Leonardo, refere-se a Manuel de Escobar (na sua tese de 2021) como sendo “pupil” de Constantino de Vasconcelos. Por sua vez o mesmo autor, num seu outro trabalho, *Quincha architectur*, edição ant. cit. (2003), p. 1742, dá ao mesmo Manuel de Escobar o nome de “assistant” de Costantino de Vasconcelos

63 Cfr. a obra volumosa e bem documentada de SANZ, Pe. Benjamim Gento, OFM, *San Francisco de Lima*, Lima, 1945 Cfr., ainda, CANTÓN, F. J. Sánchez, *O convento de S. Francisco de Lima*.

Diversos autores têm relevado – o que hoje já não passa senão de uma mera redundância – a associação do artista bracarense às bases artísticas dessa famosa igreja franciscana de Lima. Uma dessas autoridades foi precisamente Frei Fernando Rodriguez Tena, na sua *Origen de la Santa Provincia de los Doce Apostolos del Peru*. Este, ao historiar a reconstrução de tal templo, escreveu:

*foi o artífice da obra D. Constantino de Vasconcelos, português, e quem a executou Manuel de Escobar*⁶⁴.

Hoje (mesmo que certos autores continuem a patentear algum questionamento a tal respeito) já não restam dúvidas que foi o técnico da região bracarense quem desenhou e arquitetou pelo menos a bela fachada desse templo de Lima, votado a S. Francisco.

Assim é considerado que essa fase de reedificação do templo em que se empenhou o artista português foi iniciada em 1657⁶⁵, tendo-se prolongado, nos trabalhos técnicos coordenados por Manuel de Escobar, até ao ano de 1674 (isto é, até seis anos depois da morte do bracarense). E a gravura dessa época que no-lo transmite em toda a sua força estilística – constante da obra de Suarez de Figueroa – foi sem dúvida executada “em Lima pelo franciscano, Fr. Pedro Nolasco”⁶⁶.

64 LOZOYA, Marquês de, “Constantino de Vasconcelos, Arquitecto del Convento de San Francisco de Lima”, in *Colóquio Artes*, n.º 10, Lisboa, Outubro de 1960, pp. 1-5. De assinalar que a fonte que aqui seguimos, é o próprio manuscrito (que então nos afirmaram ser inédito) na Biblioteca Nacional do Perú, em Lima, da autoria precisamente do seiscentista, Frei Fernando Rodriguez Tena.

65 Veja-se ainda, a este mesmo respeito, OSÓRIO, Alejandra B., *Inventing Lima: Baroque Modernity in Peru's South (the American in the Early Modern Atlantic world)*, New York, Palgrave Macmillan, 2008.

66 LOZOYA, Marquês de Loyozza, *op. cit.*, p. 4.



Gravura referente à edificação da igreja de S. Francisco, em Lima. Nesta gravura chama-se a atenção, em particular, da pequena emenda que foi *aposta*, aparentemente no final, introduzindo o nome de Constantino, como autor do traçado deste sumptuoso templo peruano

Em resultado de todo o envolvimento português nessa construção sacra, a Ordem Franciscana, quando do desaparecimento de Constantino de Vasconcelos, no ano de 1680, veio a conceder-lhe um famoso sepulcro no presbitério, ao lado da epístola⁶⁷.

Anexo I

O mercúrio na História europeia e sul-americana: alguns aspectos para a sua caracterização sumária

O mercúrio é um metal líquido à temperatura ambiente, conhecido desde os tempos da Antiguidade Clássica. Também é conhecido como *hidrargírio*, *hidrargiro*, azougue e prata-viva, entre outras denominações. Este nome acaba por render – mesmo que de uma forma

⁶⁷ Este túmulo manteve-se sempre nesse espaço, até à desditosa reforma neoclássica da igreja em 1804-1805.

indireta - uma homenagem ao deus romano Mercúrio, considerado o mensageiro dos deuses. Tal homenagem, no essencial, ficou a dever-se à forte fluidez do metal (sabendo-se que o símbolo Hg provém do grego latinizado *hydrargyrum* que pretendeu significar prata líquida).

Descoberto ainda na Grécia antiga⁶⁸, registe-se que, na língua helénica, *hydro* (ὕδρω) significa água e *argyros* (ἀργυρος) significa prata. Efetivamente mercúrio era o nome grego da prata, os romanos latinizaram, depois, o seu nome para *hydrargirium*...

Nos seus aspetos estritamente químicos, trata-se de um metal prateado que na temperatura normal é já líquido e inodoro. Não sendo um bom condutor de calor (comparado com outros metais), ele é, contudo, um bom condutor de eletricidade. Estabelece liga metálica facilmente com muitos outros metais como o ouro ou a prata produzindo amálgamas. É insolúvel em água e solúvel em ácido nítrico. Quando a temperatura é aumentada transforma-se em vapores tóxicos e corrosivos mais densos que o ar sendo compatível com o ácido nítrico concentrado, acetileno, amoníaco, cloro e com outros metais). Como os símbolos químicos são dados pela inicial maiúscula (e uma segunda letra em minúsculo para diferenciação) do nome em latim, o seu símbolo químico foi considerado como Hg (para não ser confundido com o símbolo do hidrogénio).

ANEXO II

Uma nossa carta de 1986 ao historiador peruano Lohmann Villena

Doutor Guillermo Lohmann Villena,
Peru

68 Desde a Idade Antiga, mas mais especificamente desde o Renascimento europeu, considera-se que as principais regiões de produção do mercúrio são a China, México, Argentina e Peru.

Lisboa, 1 de Maio de 1986,
Sr. Embaixador,

Escrevo-lhe de Lisboa, invocando a minha amizade com o Pe. Silva Rego (que há mais já de uma década e meia publicou aqui o seu estudo e mo ofereceu).

*O meu sogro, ourives, que foi amigo durante muitos anos em Macau, no sul da China, do Pe. António da Silva Rego – editor aqui em Lisboa, na revista *Studia* que dirigiu, o seu valioso trabalho de pesquisa sobre o português Enrique Garcês nas suas actividades no domínio da prata, no Perú do século XVI – acaba de me entregar a sua morada postal. Vou-lhe assim transmitir o essencial da minha pretendida missão no Perú, em meados deste mês de Agosto em que estamos a entrar, para estudar aí a figura de um metalúrgico português da região de Braga, Constantino de Vasconcelos (que o Pe. Rego me afirma ser praticamente desconhecido aqui no nosso país). Fá-lo-ei porque obtive uma bolsa para me deslocar a S. Salvador da Bahia e a S. Paulo⁶⁹, conto visitar o Peru antes, cidade esta onde vou participar no Colóquio internacional sobre a Inquisição⁷⁰. Assim, se receber alguma carta do seu Colega e académico de S. Salvador da Bahia, Prof. Luís Henrique Dias, é em resultado dos meus contactos por correspondência com este meu Amigo.*

A minha intenção – agora que estou mais livre e que defendi com êxito a minha dissertação de licenciatura na Universidade Nova de Lisboa, sobre Damão, na Índia Portuguesa - é, pelo menos, visitar no Perú

69 Para a cidade de S. Salvador da Bahia, mais concretamente para o historiador Prof. Luís Henrique Dias, o autor da *História da Bahia* precisamente, eu havia já escrito, nesse mesmo sentido, em 28 de Abril desse mesmo ano de 1987, de modo a ele poder interceder, junto deste seu Colega (e académico) peruano, com vista a poder dar-me algum acompanhamento, nessa minha missão em Lima.

70 Nesse Congresso paulista apresentei uma comunicação sobre o tema específico “O Pe. António de Gouveia [1528-c. 1575-76], a prática da Alquimia e os dois processos na Inquisição de Lisboa no século XVI”. Este trabalho encontra-se editado in *Revista Portuguesa de História do Livro*, Ano XXIV, vol. 47-48 (sob o tema específico *25 Années sans Deleuze*), Lisboa, CEHLE, 2021, pp. 537-556.

o antigo Mosteiro da Ordem Terceira de S. Francisco na cidade de Lima. Se possível, gostaria de fazer, ainda, com minha mulher que me acompanha, uma viagem de avião até à cidade de Cuzco.

Disse-me entretanto agora o Pe. Silva Rego que, na sua vida pessoal, terminou aí há uns anos um novo ciclo, ao cessar as funções (de 1974 a 1977) de Delegado Permanente do Perú na Organização das Nações Unidas.

Desculpará, assim, eu vir a maçá-lo com este meu projecto de pesquisa sobre o bracarense e metalúrgico Constantino de Vasconcelos. E se, entretanto, conseguir obter por aí quaisquer elementos sobre a sua vida e obra, muito lhe agradeço antecipadamente. Assim que chegar, ligarei para o telefone que me foi facultado.

Receba o testemunho do meu afecto e gratidão e, ainda, as saudações que envia o Pe. Silva Rego.

Com os melhores cumprimentos e também aqui sempre disponível,

Bibliografia

Fontes manuscritas:

ARCHIVO General de la Nación, Lima, Marcelo Antonio de Figueiroa, Escribano Publico, Prot. 631, Lima, 14 Junio de 1659, fls. 2300-2301 vº.

COLECCIÓN original inédita de mapas relativos al obispado de Perú; retratos en colores y dorados de Arzobispos, Vireyes y otros personajes del Perú; planos de ciudades; cuadros sobre lenguas indígenas, 1782-1785 (catalogado com o registro RM 216).

Fontes impressas:

AGRICOLA, Giorgio Rodolfo, *De Re Metallica libri XII*, Basileia, 1556 (póstumo). Nova edição, com textos traduzidos e anotados por Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover (dando-se aqui uma particular atenção às “Notas históricas sobre Amalgamação”), Nova Iorque, Dover Publications, 1950.

BIRINGUCCIO, Vanuccio, *De la Pirotechnia*, Veneza, 1540 (póstumo)⁷¹.

FIGUEROA, Frei Miguel Suarez de, *Templo de Nuetro Grande Patriarca San Francisco de la Templo de Nuestro Grande Patriarca San Francisco de la Provincia de los doze Apostolos de el Peru, en la Ciudad de los Reyes arruinado, restaurado y engrandecido de la providencia Divina en panegyrico historial y poetico certâmen*. Lima, 1675.

GOUVEIA, Pe. Caetano. *Breve Relação da Santa Casa do Loreto*. Lisboa occidental : na officina de Manoel Fernandes da Costa, [1736].

SANTIAGO, Frei Francisco de, OFM. *Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade*. Tomo I. Lisboa: oficina de Miguel Manescal da Costa, 1692

Estudos:

ARAÚJO, António de Sousa. Em torno da Crónica da Província de Nossa Senhora da Soledade, de Frei Francisco de Santiago. *Lusitania Sacra*, vol. 23 (jan./jun. 2011), pp. 233-241.

ARELLANO, Ignacio ; MATA INDURÁIN, Carlos. *El Obispo Martínez Compañón; Vida y obra de un Navarro ilustrado en América*. Pamplona : Governo de Navarra, 2012.

BALLESTEROS, Jorge Bernales. *Lima, la ciudad y sus monumentos*. Sevilla : Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1972.

CALVO, Miguel e SEVILLANO, Emilia. Alvaro Alonso Barba y el Arte de los Metales. *Química e Industria*, n.º 45 (fev.1998), pp. 106-111.

CASTAGNA, Paulo. Alma Latina: Música das Américas, sob o domínio europeu- I. *Revista Portuguesa de História do Livro*, ano 15, vol. 29-30 (2012).

Idem-Alma Latina: Música das Américas, sob o domínio europeu-II. *Revista Portuguesa de História do Livro*, a. 15, vol. 31-32 (2013).

FIGUEROA, Ramón Rua, *Apuntes para una Biblioteca Española de libros, folletos y artículos, impresos y manuscritos, relativos al conocimiento y explotación de las riquezas minerales y á las ciencias auxiliares*, Madrid, Imprensa de J.M. Lapuente, 1871.

GAVEL, Arndt von. *Investigaciones musicales de los Archivos Coloniales en Peru*. Lima : Asociación Artística y Cultural 'Jueves', 1974. 14 fac-similes.

GOMEZ, Júlio Sánchez. Álvaro Alonso Barba. *Dicionário de personalidades (on line)*, Real Academia de la Historia, Madrid.

⁷¹ Esta edição, em letra de forma, apenas viria a ocorrer na cidade de Veneza, na oficina de Venturino Roffinello, no ano de 1540, por uma encomenda de Curtio Troiano de Nauo & frates. Foram estes mesmos irmãos (ativos naquela cidade italiana entre, pelo menos, os anos de 1538 e 1550) que contribuíram para a reedição de tal obra, já em 1550, na mesma cidade, na oficina de Giouan Paduano.- Cfr. ADAMS, H. M., *Catalogue...*, vol. I, n.ºs. 2080 e 2081, p. 171; e vol. II, p. 591).

- HARTH-TERRÉ, E.. *Artífices en el Virreinato del Perú*. Lima : Imp. Torres Aguirre, p. 245.
- MATOS, Manuel Cadafaz de. Algumas novas-velhas fontes para o estudo do Algarve centro-ocidental na época áurea da Expansão (Humanismo e evangelização nos séculos XVI e XVII. In: *Comunicações [Actas do 5º. Congresso do Algarve-Albufeira, 20-23 de Janeiro de 1988]*. Silves: Racal Clube. vol. 1, pp. 45-51 (1988).
- Idem-Dúvidas e acertos sobre uma figura do tempo da Monarquia Dual Filipina quase desconhecida em Portugal: Constantino de Vasconcelos (ca 1600-1668). *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, vol. 52 (2022), pp. 125-179.
- Idem-Uma personalidade seiscentista quase desconhecida: os aspectos da sua presença na exploração mineira ao serviço do Vice-Reino do Perú, ou nas funções de arquitecto em Lima e Valdívia". *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, vol. 53/54 (2023/2024), pp. 137-189.
- Idem-A *Tipografia Quinhentista de Expressão Cultural portuguesa no Oriente (India, China e Japão)*. Lisboa: FCSeH da UNL, 1997.
- OSÓRIO, Alejandra B.. *Inventing Lima: Baroque Modernity in Peru's South (the American in the Early Modern Atlantic world)*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- PACHECO, Ana Assis. Convento Franciscano de Lima. Uma obra seiscentista de um engenheiro e arquitecto português. *Itinerarium : Revista Quadrimestral de Cultura*, ano 55, n.º 194 (maio/ag. 2009), pp. 205-217.
- RODRIGUEZ-CAMILLONI, Humberto Leonardo. *Arquitectura religiosa limena en los siglos XVII y XVIII: Estudio histórico-artístico y proyecto integral de restauración del conjunto monumental de San Francisco el Grande. Tomo I, texto; Tomo II, Laminas; Tomo III, Planos*. Dissertação de doutoramento. Yale University, 1981.
- Idem-Constantino de Vasconcelos. In: *Encyclopedia of Latin American and Caribbean Art*. Londres: 2000, pp. 682-683.
- Idem-Quincha architecture: The development of an antiseismic structural system in seventeenth century Lima". In: *Proceedings of the First International Congress of Construction History*. Madrid, 20-24 jan. 2003, pp. 1741-1752.
- SEBASTIÁN, A. San Cristóbal. *Arquitectura Virreynal Religiosa de Lima*. Lima: Librería Studium, 1988, p. 316;
- Idem-Manuel de Escobar: *Alarife de Lima*, (1640-1695), Lima, Universidad de San Martín de Porres, 2004.
- STIEFEL, Berta Marco. Diez años de actividad químico-orgánica en el Instituto Alonso Barba (1939-1949). *Arbor*, vol. 163, n.º 643/644 (jul./ag. 1999), pp. 319-347.
- UGARTE, R. Vargas. *Ensayo de un diccionario de artífices de la América Meridional*, pp. 361-363. Burgos: Imp. de Aldecoa, 1968.
- VILLENA, Guillermo Lohmann, *Las minas de Huancavelica en los siglos XVI y XVII*, p. 465. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1949.

Idem-Enrique Garcés, descubridor del mercurio en el Perú, poeta y arbitrista, Revista *Studia*, Lisboa: Centro de Estudios Históricos Ultramarinos, 1969.

Idem-*Las defensas militares de Lima y Callao*, p. 120. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano- Americanos, 1964.

Idem-Le financement de la conquête du Pérou . *Les Espinosa, une famille d'hommes d'affaires en Espagne et aux Indes à l'époque de la colonisation*, cap. 7, pp. 203-220. Paris: S.E.V.P.E.N., 1968.

WHITAKER, A. P.. The Elhuyar Mining Mission and the Enlightenment. *Hispanic American Historical Review*, vol. 31, n.º 4 (nov. 1951), p. 575.

